

# > Monique Wittig: breve histórico da trajetória intelectual e política de uma lésbica

> Monique Wittig: brief history of the intellectual and political trajectory of a lesbian

**por Julia Aleksandra Martucci Kumpera**

Mestranda em História Cultural na Linha de Pesquisa “Gênero, Subjetividades e Cultura Material” do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista CAPES. E-mail: juliamkumpera@gmail.com. ORCID: 0000-0002-8581-6169.

**por Paula Silveira-Barbosa**

Mestra em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Bacharela em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: paulaesb@yahoo.com. ORCID: 0000-0003-2012-4978.

## **Resumo**

Neste artigo, discutimos a trajetória política e intelectual de Monique Wittig. O objetivo é compreender as proposições dessa importante autora e ativista lésbica em seu contexto de produção. A partir do campo da história intelectual, discorreremos sobre suas redes de sociabilidade e filiações teórico-políticas. Além de abordar suas elaborações sofisticadas sobre a noção de “lésbica”, a heterossexualidade como regime político e o conceito de pensamento *straight*, criticamos a ausência de uma perspectiva interseccional na obra de Wittig. Entendemos que trabalhos como o nosso, que valorizam as memórias lésbicas, contribuem para o campo das lesbianidades, tanto na teoria como na prática.

**Palavras-chave:** Monique Wittig. Pensamento straight. Teoria lésbica. História intelectual.

## **Abstract**

In this article we discuss Monique Wittig's political and intellectual trajectory. The objective is to understand the propositions of this important author and lesbian activist in her context of production. Based on the field of intellectual history, we analyze her networks of sociability and theoretical-political affiliations. We address her sophisticated elaborations on the notion of “lesbian”, heterosexuality as a political regime and the concept of the straight mind. Additionally, we criticize the absence of an intersectional perspective in Wittig's work. We understand that works like ours, which value lesbian memories, contribute to the field of lesbianities, both in theory and in practice.

**Keywords:** Monique Wittig. Straight mind. Lesbian theory. Intellectual history.

> Artigo recebido em 06.06.2020 e aceito em 27.08.2020.

*Lésbica é o único conceito que eu conheço que está além das categorias de sexo.*

Monique Wittig

## 1. Introdução

Neste artigo<sup>1</sup>, retomamos a obra de Monique Wittig – pesquisadora francesa que se destacou no campo das lesbianidades e dos feminismos, além de ter sido escritora e ativista. Nosso objetivo é analisar as contribuições da autora a partir de sua trajetória política e intelectual. As ideias de Wittig tensionaram os movimentos e as pesquisas feministas nas décadas de 1970 e 1980 e colocaram a discussão sobre lesbianismo<sup>2</sup> sob uma nova perspectiva. O pioneirismo dessa pensadora já foi destacado e trabalhado por importantes intelectuais dos Estudos Feministas como Judith Butler, Teresa de Lauretis, Beatriz Briones e Ochy Curiel. Apesar disso, Wittig é uma teórica pouco conhecida no Brasil.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Agradecemos à Johanne Coulombe (Les Éditions Sans Fin) e à Maira Abreu (pós-doutoranda pela USP) pela disponibilização de periódicos e repositórios de materiais pertinentes a este estudo. Também agradecemos à historiadora Gabriela Coutinho, ao poeta Formigão e à Branca Zilberleib pelas sugestões ao texto, à Agnes Aguiar pelo apoio com as traduções inglês-português e ao jornalista e escritor Laudeir Borges por emprestar seu acesso à revista CULT.

<sup>2</sup> Empregamos essa expressão como tradução literal do termo *lesbianisme*, em francês, que é utilizado na França, inclusive nos dias de hoje, sem conotação patologizante. Também destacamos que a obra de Wittig está situada num momento histórico em que essa questão ainda não era mobilizada pelo movimento homossexual. De forma que todas as vezes que fizemos uso dessa palavra, ela deve ser lida dentro desse contexto.

<sup>3</sup> Louise Turcotte lembra que, mesmo no contexto internacional, muito foi dito sobre a literatura de Monique Wittig, mas pouco se trabalharam as suas contribuições teóricas e políticas. Trata-se de uma questão contraditória, para dizer o mínimo, já que a literatura, a trajetória política e a obra intelectual de Wittig estão intimamente relacionadas. Cf. Louise Turcotte, “Changing the point of view”, 1992, p. VII-XII.

Mesmo a produção literária de Wittig, que é ainda mais antiga do que seus textos acadêmicos, tem pouca circulação no Brasil. Acreditamos que a barreira idiomática seja importante nesse processo. Afinal, traduções dos romances de Wittig para o português só foram feitas recentemente. Trata-se de *As Guerrilheiras* e *O Corpo Lésbico*, ambos publicados em 2019 e por pequenas editoras.

Diante dessa problemática, consideramos urgente uma digressão sobre a produção dessa importante autora. No âmbito da História Intelectual, acompanhamos a tradição francesa, cuja abordagem está centrada nas redes de sociabilidade do intelectual sobre o qual se escreve, assim como suas filiações políticas e itinerários.<sup>4</sup> Com isso, pretendemos iluminar aspectos da vida e obra da autora. Na verdade, revisitar a obra de Wittig é uma aposta na popularização de suas ideias para ensinar que outros/as pesquisadores/as a conheçam.

Para cumprir esses objetivos, dividimos nossa investigação em três partes. Primeiro, abordamos a trajetória intelectual e política de Monique Wittig na França, especialmente sua colaboração na revista *Questions Féministes (QF)*. Em seguida, tratamos de sua mudança para os Estados Unidos, onde trabalhou e viveu até 2003 – ano em que morreu, após um ataque cardíaco.<sup>5</sup> Finalmente, discorreremos sobre a atualidade do pensamento da autora, seus méritos e limitações.

---

<sup>4</sup> François Dosse, *La marcha de las ideas*, 2007; Jean-François Sirinelli, “Os intelectuais”, 1996, p. 231-269; Gizele Zanotto, “História dos intelectuais e história intelectual”, 2008, p. 31-45.

<sup>5</sup> Douglas Martin, “Monique Wittig, 67, Feminist Writer, Dies”, 2003, s.p.

## 2. Maio de 68

Em maio de 1968, as ruas de diversas cidades francesas foram tomadas por greves e revoltas protagonizadas por estudantes, trabalhadores e intelectuais. O que havia começado como uma mobilização estudantil por melhorias estruturais nos *campi* e contra a reforma universitária<sup>6</sup> rapidamente se transformou em uma revolta generalizada contra a autoridade, a repressão estatal, o moralismo dos costumes e a tecnocracia capitalista. Em menos de um mês, a França foi tomada por uma greve geral, com a paralisação de quase todos os setores produtivos, e as ruas tornaram-se espaços de expressão da revolta e elaboração de utopias societárias.<sup>7</sup>

Para os fins deste artigo, retomamos algumas questões suscitadas por esse acontecimento histórico, com o intuito de compreender seus impactos para as mobilizações políticas na França, particularmente para o *Mouvement de Libération des Femmes* (Movimento de Libertação das Mulheres – MLF). Por um lado, o maio de 68 francês fomentou uma crítica radical aos costumes, inscrita em ideais libertários. Expressou-se pelo inconformismo com toda forma de autoridade, que atravessava tanto o Estado como a família, denunciando a moral conservadora que regia a sociedade francesa.

Destacamos, ainda, que esse fenômeno se constituiu como uma revolta geracional, com os jovens questionando os esquemas conservadores e controladores inseridos nas relações sociais e nas instituições, com vistas a novas

---

<sup>6</sup> Maria da Glória Gohn, “Maio de 68 na França e a teoria social contemporânea”, 2008, p. 3.

<sup>7</sup> João Alberto Pinto, “França: lutas sociais anticapitalistas no maio de 68”, 2008, p. 1-5.

formas de viver.<sup>8</sup> A rebelião estudantil tomou a forma de uma renovação cultural, fomentando a emergência de novas “revoluções” sexuais e antiautoritárias, como veremos com o movimento feminista.

Por outro lado, o maio de 68 “significou uma ruptura radical na política daqueles que não estão no poder e daqueles que aspiram alcançá-lo”<sup>9</sup>. Com uma organização política sem dirigentes, hierarquias ou disciplina partidária, o movimento elaborou uma profunda crítica às formas tradicionais do fazer político e aos partidos de esquerda, sobretudo ao Partido Comunista Francês (PCF).<sup>10</sup> Significou, portanto, uma crítica à fusão do indivíduo na totalidade, tanto no partido como no Estado. Em meio à reorganização das esquerdas, novos grupos políticos surgiam, o que permitiu, de acordo com a filósofa Olgária Matos, a emergência de novas esperanças revolucionárias, da imaginação criativa e a construção de utopias diversas.<sup>11</sup>

Além disso, o momento foi marcado por uma grande efervescência do debate intelectual, que passou a ter intercâmbios mais amplos e explícitos com os movimentos sociais.<sup>12</sup> Um dos campos mais evidentes em que se deu esse processo é o dos Estudos Feministas, sobre o qual discorreremos a seguir.

---

<sup>8</sup> Maria da Glória Gohn, *Op. Cit.*, 2008, p. 5.

<sup>9</sup> Olgária Matos, *Paris 1968: as barricadas do desejo*, 1989, p. 15.

<sup>10</sup> Nos anos 1960, o PCF, que buscava apagar seu passado stalinista, enfrentava o descrédito de grande parcela das tendências de esquerda, que se multiplicavam entre maoístas, trotskistas e anarquistas. Se algo aproximava orientações políticas tão diversas, eram a recusa da ortodoxia do partido e a crítica ao fascínio pela autoridade.

<sup>11</sup> Olgária Matos, *Op. Cit.*, 1989, p. 18.

<sup>12</sup> Maria da Glória Gohn, *Op. Cit.*, 2008, p. 10.

### 3. Movimento feminista pós-68 e a emergência de uma corrente epistemológica

Na França de 1968, desenvolvia-se uma revolução cultural e também uma revolução sexual – as mulheres, apesar de estarem presentes nas revoltas de maio, ocuparam um lugar subalterno. O clima contracultural e libertário também favoreceu a constituição do *Mouvement de Libération des Femmes* (MLF). Em outubro de 1968, um grupo exclusivo de mulheres começou a se reunir em Paris para debater questões ligadas à sexualidade e à luta política, entre as quais estava Monique Wittig. A escritora esteve presente desde as primeiras mobilizações do MLF, participando de suas manifestações públicas e dos debates que orientaram os rumos tomados pelo movimento.<sup>13</sup>

Uma das características desse período foi a pluralidade de campos de atuação, alinhada a diferentes posicionamentos políticos e experiências militantes – que também resultaram em disputas e conflitos no interior do movimento. De modo geral, pode-se destacar três principais correntes no seio do MLF: feminismo revolucionário (FR), Psicanálise e Política (PP) e feminismo e luta de classes. A tendência feminismo revolucionário identificava a existência de uma opressão comum a todas as mulheres, que constituiriam um “nós” para além das diferenças de classe. Compreende que são as relações de dominação que impõem o que culturalmente se considera próprio das mulheres ou “feminino”. De acordo com essa perspectiva, a opressão masculina se caracteriza

---

<sup>13</sup> Exemplo disso foi o engajamento nos manifestos e artigos que significaram tomadas de posição coletivas, como foi o caso de *Combat pour la libération de la femme*, publicado em 1970 na revista *L'idiot international*.

fundamentalmente pela exploração material dos corpos femininos.<sup>14</sup> As militantes que se organizaram ao redor da *Questions Féministes* compunham esta tendência.

Por sua vez, Psicanálise e Política (PP) era uma corrente considerada “naturalista” ou “diferencialista”.<sup>15</sup> As militantes da PP defendiam a necessidade de uma revolução cultural e simbólica, baseada na refundação das representações de diferença sexual. Desta forma, seu objetivo era fazer emergir um novo sujeito mulher, a partir da recusa à igualdade indiferenciada.<sup>16</sup>

Finalmente, a tendência feminismo e luta de classes se posicionava mais próxima das organizações de esquerda, defendendo a primazia da opressão de classe, de modo que a sua principal chave de análise era o binômio burguesia/proletariado.<sup>17</sup> Esta corrente propunha a organização de um movimento de mulheres de massas e defendia a dupla militância, ao contrário das demais tendências.<sup>18</sup>

Evidentemente, o MLF não se esgota nessa divisão em três correntes – vale mencionar que diversas orientações políticas existiram desde o início. Por sua pluralidade de experiências e campos de atuação, o movimento se tornou uma referência para iniciativas feministas posteriores, inclusive de lésbicas. A socióloga Dominique Fougeyrollas-Schwebel afiança que os grupos lésbicos que

---

<sup>14</sup> Maira Abreu, “Feminismo materialista na França: sócio-história de uma reflexão”, 2018, p. 6; Dominique Fougeyrollas-Schwebel, “Controverses et anathèmes au sein du féminisme français des années 1970”, 2005, p. 18-19.

<sup>15</sup> Maira Abreu, *Op. Cit.*, 2018, p. 7.

<sup>16</sup> Dominique Fougeyrollas-Schwebel, *Op. Cit.*, 2005, p. 18.

<sup>17</sup> Maira Abreu, *Op. Cit.*, 2018, p. 7.

<sup>18</sup> Maison de la grève, *SUR LE MLF: compilation d’archives pour une brève introduction*, 2019, p. 30.

surgiram nos anos 1970 participaram ativamente das ações do MLF – o que abriu certo espaço para uma crítica à heterossexualidade.<sup>19</sup> Adiante, veremos como essa questão surgiu e gerou tensionamentos no coletivo de redação da *QF*.

Nesse contexto, emerge o que ficou conhecido como *feminismo materialista*. Embora a própria nomenclatura dessa corrente de pensamento evidencie a influência do marxismo sobre as feministas de então, é importante destacar também os pontos de divergência, que ocasionaram rupturas teóricas e políticas com organizações de esquerda.<sup>20</sup> De modo geral, as correntes mais ortodoxas do marxismo postulavam que as condições econômicas constituem o principal determinante sobre a vida social e política. Nesta direção, Fougeyrollas-Schwebel pontua que a teoria marxista que embasava as ações do PCF “mantinha a centralidade da infraestrutura econômica, cujas superestruturas (sistemas políticos, lei, criação cultural) são apenas reflexos sem a possibilidade de autonomia”<sup>21</sup>.

Embora houvesse esse ponto de divergência, a concepção materialista legou ao feminismo francês uma perspectiva antinaturalista das relações sociais

---

<sup>19</sup> Dominique Fougeyrollas-Schwebel, *Op. Cit.*, 2005, p. 22.

<sup>20</sup> Maira Abreu, *Op. Cit.*, 2018, p. 12.

<sup>21</sup> “[...] maintient ainsi la primauté des infrastructures économiques dont les superstructures (systèmes politiques, droit, création culturelle) ne sont que des reflets sans possibilité d’autonomie.”

Dominique Fougeyrollas-Schwebel, *Op. Cit.*, p. 15, tradução nossa.

Na concepção materialista da história, de acordo com Friedrich Engels, “o elemento determinante *final* na história é a produção e a reprodução da vida real”, uma vez que “as condições econômicas são a infra-estrutura, a base”. Outros fatores, como as teorias políticas e as concepções religiosas, poderiam interferir na divisão social, mas elas parecem se acomodar ao redor do sistema econômico, segundo a abordagem de Engels. Friedrich Engels, “Carta a Joseph Bloch”, 1890, s. p., grifo do autor.

de sexo.<sup>22</sup> Até aquele momento, as lutas feministas haviam se guiado, majoritariamente, pela reivindicação de igualdade entre homens e mulheres. Ainda que essa perspectiva tenha sido fundamental para assegurar direitos básicos como o direito ao voto, o discurso a favor da “igualdade” mantinha intacto o sistema que prescrevia as diferenças entre homens e mulheres como naturais e biológicas, portanto, como algo dado e imutável.

É precisamente nesse ponto que o pensamento feminista francês da época se encontrou com o marxismo. Ao discorrer sobre o sistema da economia burguesa, Marx pontua que “o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”<sup>23</sup>.

#### 4. Wittig e o ativismo lésbico na França

Em 1969, Wittig publicou seu segundo romance, *Les Guérillères*.<sup>24</sup> A obra retrata a emergência de novas comunidades de afetos e desejos num mundo pós-guerra contra as classes de sexo. Trata-se de um relato de uma revolução social,

---

<sup>22</sup> Conforme Jules Falquet, para as feministas materialistas, “longe de toda referência naturalista ao corpo, as mulheres e os homens são definidos por uma relação de classe, por uma posição no seio das relações sociais de poder que eles/elas mantêm”. Daí a nomenclatura “relações sociais de sexo”. Ver Jules Falquet, “Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política”, 2005, p. 8-31; Maira Abreu, *Politizando a anatomia: antinaturalismo e materialismo no pensamento feminista francês (1960-1980)*, 2016, p. 44.

<sup>23</sup> Karl Marx, *Contribuição à crítica da economia política*, 2008, p. 47.

<sup>24</sup> Anteriormente, em 1964, Wittig havia estreado na literatura com o romance *L'Opoponax*. A obra foi premiada com o *Prix Médicis* – uma espécie de prêmio revelação para escritores em início de carreira na literatura francesa.

narrado por meio de uma revolução dos conceitos perpetrada pela autora, que confere à linguagem a potencialidade de subverter a ordem social e política.<sup>25</sup> Nessa obra literária, Wittig parece plasmar uma concepção que atravessou toda a sua trajetória intelectual: revoluções sociais devem ser acompanhadas de revoluções linguísticas, sem as quais é impossível destruir o imaginário heterossexual e suas instituições. Adiante, apresentamos a trajetória política da autora.

Wittig foi uma das criadoras do primeiro grupo lésbico de Paris, *Les Gouines Rouges* – que em tradução literal significa “lésbicas vermelhas”. Inicialmente, a expressão foi usada para ofender as ativistas, que resolveram esvaziar o significado pejorativo da palavra, colocando-a como nome do coletivo.<sup>26</sup> O grupo surgiu em abril de 1971, a partir do processo de conscientização feminista das mulheres que compunham o *Le Front Homosexuel d'Action Révolutionnaire* (Frente Homossexual de Ação Revolucionária).<sup>27</sup> A historiadora Marie-Jo Bonnet, que atuou nos dois grupos, lembra que as lésbicas discordavam da perspectiva reformista que guiava o movimento homossexual naquela época.<sup>28</sup> Para elas, isso reiterava o binarismo dos sexos. Bonnet afirma, ainda, que ela e suas companheiras não queriam escolher entre os polos desse sistema, mas sim eliminá-los.<sup>29</sup>

---

<sup>25</sup> Mónica Abadía, “Reflexionando sobre Wittig: Las Guerrilleras y El Cuerpo Lesbiano”, 2010, p. 347.

<sup>26</sup> Marie-Jo Bonnet, “Les Gouines Rouges (1971-1973)”, 2009, s.p.

<sup>27</sup> Grupo misto de homossexuais que surgiu em 1971. Cf. Tina Gianoulis, “French Gay Liberation Movement”, 2015, s.p.

<sup>28</sup> Marie-Jo Bonnet, *Op. Cit.*, 2009.

<sup>29</sup> *Ibidem*.

A partir daí, elas passaram a se organizar em torno do MLF, que parecia mais próximo de sua perspectiva política, especialmente a tendência “feminismo revolucionário”. Alguns dos principais eixos de atuação do *Gouines Rouges* foram a visibilidade lésbica e o combate à discriminação. O grupo também promoveu eventos e debates públicos em universidades para discutir questões como “as lésbicas são mulheres?”.<sup>30</sup> Em relação ao tema, é pertinente retomar a tese de Maira Abreu, que apresenta uma densa reflexão sobre o movimento feminista francês entre as décadas de 1960 e 1980. A partir da análise de documentos do *Gouines Rouges*, a pesquisadora sublinha que, para o grupo, “a divisão entre mulheres homossexuais e mulheres heterossexuais seria uma divisão imposta por uma visão masculina e deveria ser rejeitada”<sup>31</sup>.

Em maio de 1972, o grupo organizou a primeira manifestação lésbica no seio do MLF, nas *Journées de dénonciation des crimes commis contre les femmes* (Jornadas de denúncia de crimes cometidos contra as mulheres).<sup>32</sup> Na ocasião, as militantes veicularam um panfleto – seguindo a tradição do movimento – que parece sintetizar as principais reflexões dos grupos lésbicos do período. Aqui, destacamos o seguinte trecho:

Nossa recusa é imensa e irremediável,  
Não precisamos de dominação e proteção,  
Recusamos o poder,  
Nós não somos objetos sexuais,  
Estamos lutando contra a normalidade social que condena as mulheres aos  
homens, aos pirralhos, às máquinas, às panelas.

<sup>30</sup> Esse tipo de discussão era muito valorizado por ativistas lésbicas da época, pois havia a tentativa de romper com a divisão entre mulheres heterossexuais e mulheres homossexuais.

<sup>31</sup> Maira Abreu, *Op. Cit.*, 2016, p. 271.

<sup>32</sup> Maison de la grève, *SUR LE MLF: compilation d'archives pour une brève introduction*, 2019, p. 7.

Nós somos fundamentalmente subversivas.

Subversão das relações corpo/capital.

O prazer homossexual não é uma masturbação a dois, nem uma regressão às relações mãe/filho, nem uma caricatura das relações homem/mulher.

É um prazer específico das Mulheres, ou seja, não concedido, medido, regulado por homens: nosso prazer.

[...]

Um grupo de lésbicas<sup>33</sup>

Ainda que a imaturidade e a falta de modelos de atuação tenham minado a continuidade do coletivo, que acabou em 1973<sup>34</sup>, suas propostas voltariam à tona anos mais tarde e ganhariam repercussão na França e em outros países. Exemplo disso foi o alvoroço causado pelos artigos de Monique Wittig na *Questions Féministes*, como “La Pensée *Straight*” e “One ne naît pas femme” (“O Pensamento *Straight*”<sup>35</sup> e “Não se nasce mulher”). Antes de tratar especificamente de sua produção, é necessário entender as referências que

---

<sup>33</sup> “Notre refus est immense et irrémédiable, / Nous n’avons pas besoin de domination et de protection, / Nous refusons le pouvoir, / Nous ne sommes pas des objets sexuels, / Nous combattons la normalité sociale qui voue les Femmes / aux mâles, aux marmots, aux machines, aux marmittes. / Nous sommes fondamentalement subversives. / Subversion des rapports corps/capital. La jouissance homosexuelle n’est ni une masturbation à deux, ni une régression vers les rapports mère/enfant, / ni une caricature des rapports hommes/femmes. / C’est un plaisir propre aux Femmes, c’est à dire non accordé, / mesuré, réglé selon les mâles: Notre plaisir. [...]. Un groupe des lesbiennes”.

Maison de la grève, *SUR LE MLF*: compilation d’archives pour une brève introduction, 2019, p. 28, tradução nossa.

<sup>34</sup> Marie-Jo Bonnet, *Op. Cit.*, 2009.

<sup>35</sup> Optamos por utilizar “pensamento *straight*”, mantendo o vocábulo em inglês, para não perder os diversos significados do termo na língua em que foi originalmente escrito. *Straight* é empregado com o significado de “heterossexual”, mas também alude ao conservadorismo, no sentido de pensar “à direita”, de forma conservadora. Por fim, acrescentamos que essa expressão também é usada com o significado de certo, correto.

embasaram o pensamento de Wittig – tarefa a que nos dedicamos na seção seguinte.

## 5. Elementos para compreender a obra de Wittig

Diante da limitação de espaço deste artigo, optamos por discorrer apenas sobre duas das pesquisadoras que foram definidas pela própria Wittig como suas grandes referências: Christine Delphy e Nicole-Claude Mathieu.<sup>36</sup> Além da originalidade das produções, Wittig situa Delphy e Mathieu como as primeiras ativistas e estudiosas a publicarem os textos que a inspiraram na conceituação do pensamento *straight*.

A socióloga Christine Delphy é um dos principais nomes do feminismo materialista francês, sendo responsável inclusive pela nomenclatura dessa corrente de pensamento.<sup>37</sup> Delphy também é autora do que se considera o texto fundador do segmento – o artigo “L’ennemi principal” (“O inimigo principal”), publicado pela primeira vez em 1970.<sup>38</sup> Diante dos impasses observados nos grupos feministas da época, a autora o escreveu com o objetivo de dar ao movimento o que ela considerava crucial naquele momento: “as bases para uma análise materialista da opressão às mulheres”<sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup> Wittig também cita Colette Guillaumin, Paola Tabet e Sande Zeig como importantes influências intelectuais.

<sup>37</sup> Monique Wittig, *The Straight Mind and Other Essays*, 1992, p. XIV.

<sup>38</sup> Maira Abreu, *Op. Cit.*, 2018, p. 3.

<sup>39</sup> Christine Delphy, “O inimigo principal: a economia política do patriarcado”, 2015, p. 101.

Ao longo do texto, Delphy demonstra a imbricação entre capitalismo e patriarcado, mas ressalta as particularidades históricas de cada um desses sistemas. Com isso, a autora se opõe à hierarquia de opressões – muito presente nos grupos de esquerda da época – em que o capitalismo era tomado como fundador de outras desigualdades, como aquelas observadas entre homens e mulheres.<sup>40</sup>

Uma das conclusões da pesquisadora, no referido artigo, é que “a libertação total das mulheres não se dará sem a destruição total do sistema de produção e reprodução patriarcal”<sup>41</sup>. Talvez essa tenha sido a ideia que mais influenciou a obra de Monique Wittig, para quem a abolição das classes de sexo estava no horizonte político de todas as suas produções acadêmicas e literárias.<sup>42</sup>

As reflexões da antropóloga Nicole-Claude Mathieu também foram decisivas para a produção de Wittig. Na introdução do livro *The Straight Mind and Other Essays*, que reúne seus principais artigos acadêmicos, Wittig descreveu Mathieu como a primeira pesquisadora a conceber as mulheres como uma entidade sociológica e antropológica, ou seja, como um grupo próprio e com capacidade de agência sobre a realidade.<sup>43</sup> Provavelmente, foi a partir daí que Wittig vislumbrou a dimensão política do lesbianismo, colocando-o como prática feminista e existência potente capaz de dismantelar as classes de sexo.

---

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 116-117.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 117.

<sup>42</sup> Brad Epps e Jonathan Katz, “Monique Wittig’s Materialist Utopia and Radical Critique”, 2007, p. 440.

<sup>43</sup> Monique Wittig, *Op. Cit.*, 1992, p. XIV.

Também é pertinente pontuar como Mathieu definia o feminismo – uma perspectiva de análise a partir da experiência minoritária das mulheres, com o objetivo de eliminar a ideologia da “diferença dos sexos”.<sup>44</sup> Sua linha de análise, assim como de suas contemporâneas, tomava a dialética como guia. Essa questão impactou muitos estudiosos para quem as opressões sociais eram derivadas de “diferenças naturais”, “biológicas”. Contudo, o que os estudos de Mathieu escancaram é que o sexo não é anterior às relações sociais entre homens e mulheres. Ao contrário, a narrativa e os esquemas de representação simbólica e discursiva é que constituem os corpos.<sup>45</sup>

Essas propostas são tidas como pioneiras no contexto das críticas feministas à Antropologia.<sup>46</sup> Afinal, antes da consolidação desse campo de investigação, Mathieu já problematizava o androcentrismo que pairava sobre boa parte dos estudos etnográficos. Seu ponto de partida para essas críticas é a invisibilidade das experiências das mulheres, especialmente no que se refere ao trabalho doméstico e a outras atividades socialmente atribuídas a elas. A partir dessa linha de pensamento foi possível ampliar o conceito de trabalho e promover reflexões sobre como a divisão sexual do trabalho constitui as pessoas em homens ou mulheres.<sup>47</sup>

---

<sup>44</sup> Jules Falquet, “Por uma anatomia das classes de sexo: Nicole-Claude Mathieu ou a consciência das oprimidas”, 2014, p. 11.

<sup>45</sup> Nicole-Claude Mathieu, “Notes pour une définition sociologique des catégories de sexe”, 1971, p. 24.

<sup>46</sup> Maira Abreu, *Op. Cit.*, 2016, p. 210.

<sup>47</sup> Jules Falquet, *Op. Cit.*, 2014, p. 11.

## 6. Encontros e rupturas

As pesquisadoras que serviram de base para os estudos de Wittig trabalharam junto com ela na *Questions Féministes*, entre os anos de 1977 e 1980. A *QF* foi um periódico feminista, editado por ativistas e pesquisadoras. O objetivo da publicação era que a teoria feminista pudesse ser produzida e consumida por todas as mulheres.<sup>48</sup> Por isso, além de artigos acadêmicos, a revista publicava textos literários, manifestos, abaixo-assinados, cartas abertas e outros materiais de caráter militante. Maira Abreu pontua que a proposta da *QF* destoava de boa parte das revistas feministas da época. Afinal, esses periódicos tendiam a privilegiar produções acadêmicas.<sup>49</sup>

Na primeira edição, o comitê de redação contava com os seguintes nomes: Colette Capitan Peter, Christine Delphy, Emmanuèle de Lesseps, Nicole-Claude Mathieu e Monique Plaza. Monique Wittig, assim como Colette Guillaumin e Claude Hannequin só entraram para o coletivo posteriormente.<sup>50</sup>

Ao ser convidada para integrar a *Questions Féministes*, Wittig sugeriu, em carta, que a crítica à heterossexualidade fosse incorporada à linha editorial da revista. Entretanto, a proposta foi ignorada e só foi abordada de maneira densa

---

<sup>48</sup> Entendemos esse projeto como herdeiro do feminismo materialista que estava se constituindo, ou seja, como uma materialização do conceito de *práxis*. Afinal, na teoria marxista, esse conceito é muito caro e consiste numa instância entre teoria e prática; uma unidade que representa o intercâmbio entre esses polos.

<sup>49</sup> Maira Abreu, *Op. Cit.*, 2016, p. 154.

<sup>50</sup> O nome de Simone de Beauvoir também aparece, porém no cargo de diretora da publicação. Em entrevista à revista *Off Our Backs* (1980), Christine Delphy pontua que Beauvoir não participava das reuniões da revista e que seu nome constava no expediente para dar apoio moral ao grupo. Em sua tese, Abreu lembra que por causa do clima de perseguição política que havia na França naquele período, intelectuais reconhecidos eram designados como diretores de periódicos para tentar blindar essas publicações de ataques.

em artigos isolados – majoritariamente assinados pela própria Wittig. Para boa parte das editoras, heterossexualidade e homossexualidade não constituíam categorias políticas, ao passo que, para Wittig, a primeira consiste em um regime político que criou as categorias de sexo.<sup>51</sup>

Apesar dessa divergência teórica e política, o tema não foi alvo de polêmicas entre a equipe editorial num primeiro momento, mesmo porque Wittig inicia sua participação com uma inserção literária – o que acompanhava sua trajetória como escritora. A primeira publicação de Wittig na *QF* foi “Un jour mon prince viendra” (“Um dia meu príncipe virá”), na edição de fevereiro de 1978.<sup>52</sup> Trata-se de um conto sobre um grande jardim com divisões sociais rígidas: no alto da hierarquia encontram-se os “seres” (as figuras de autoridade) e, no extremo oposto, os “corpos”.

Nessa metáfora da sociedade, os “corpos” estão submetidos aos “seres”, que são obrigados a servi-los e a satisfazer seus desejos sórdidos. A justificativa para o controle social e a violência contra os “corpos” recai sobre a “diferença biológica fundamental” com os “seres”, sendo o “sexo” dos primeiros a causa fundamental de sua inferioridade. A narrativa constrói diversas metáforas sobre a apropriação coletiva das mulheres pelos homens – tema transversal na produção teórica de Wittig e eixo central da edição da revista em que o conto foi publicado.

---

<sup>51</sup> Maira Abreu, *Op. Cit.*, 2016, p. 281.

<sup>52</sup> Monique Wittig, “Un jour mon prince viendra”, 1978, p. 31-40. É interessante observar que o título do artigo é idêntico a uma das principais canções do filme *A Branca de Neve*. Neste, também existe um grande jardim idílico, por onde a personagem principal transita. Branca de Neve também é uma personagem de um dos romances de Wittig, *As guerrilheiras*.

Outro ponto importante do “jardim” é que, nele, os livros são controlados. Os “corpos” não deveriam ter acesso a obras que permitissem questionar a hierarquia sob a qual viviam. Afinal, os “seres” teriam seus privilégios ameaçados e sua existência colocada em risco, caso os “corpos” questionassem aquela ordem social. Apesar disso, os momentos dedicados à leitura – algo como saraus – acabaram permitindo que os “corpos” criassem estratégias de ataque aos “seres”, visando à fuga do jardim. Nesse aspecto, Wittig parece situar a literatura como uma ferramenta de enfrentamento às normas sociais – ideia que retomou e desenvolveu em publicações posteriores, como em “The Trojan horse” (“O cavalo de Troia”), publicado na revista *Feminist Issues* em 1984.

Depois de sua “estreia”, Wittig ficou alguns anos sem publicar na *Questions Féministes*, mas continuou colaborando com o coletivo de redação à distância, dado que já estava radicada nos Estados Unidos. Foi somente na sétima edição da revista, datada de fevereiro de 1980, que ela voltou a publicar um artigo – “La Pensée *straight*” (“O Pensamento *straight*”).<sup>53</sup> Esse número foi dedicado ao MLF e, mais especificamente, ao conflitos internos que haviam eclodido recentemente<sup>54</sup>, contando com textos sobre o assunto e um abaixo-assinado.

---

<sup>53</sup> Monique Wittig, “La pensée *straight*”, 1980, p. 45-54.

<sup>54</sup> A sigla “MLF” havia sido registrada como associação por parte de algumas integrantes da corrente Psicanálise e Política. A descoberta se deu pouco antes da publicação do número 7 da *QF*. O acontecimento teve diversas implicações políticas. Primeiro, tratou-se de uma descoberta casual, quando uma militante consultou o Diário Oficial – portanto, a ação não havia sido debatida e acordada entre as feministas. Em segundo lugar, havia certo consenso, entre as militantes, de que o movimento não pertencia a nenhum grupo – uma das características do MLF era a sua multiplicidade de orientações políticas internas. Portanto, o registro da sigla como uma associação foi percebido, por boa parte das militantes, como usurpação privada de um espaço coletivo. Para uma discussão ampla desse conflito, conferir Maira Abreu, *Op. Cit.*, 2016.

Nesse artigo, Wittig tece uma crítica às Ciências Sociais, especialmente às correntes estruturalistas e à psicanálise. Para a autora, ambas restringem a realidade social à linguagem e aos símbolos, como se fossem referentes a-históricos e não-materiais. Dessa forma, o mundo se torna mero registro de signos, que aparentemente escapariam às ideologias. Para ela, essa visão impede que os oprimidos percebam a materialidade das opressões. Ao mesmo tempo, os discursos científicos que discorrem sobre grupos subalternizados terminam por reduzi-los ao imaginário restrito do pensamento dominante.

Em consequência, esses indivíduos dispõem apenas das categorias elaboradas pelo pensamento hegemônico, que Wittig definiu como “pensamento *straight*”. Este “desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e simultaneamente de todos os fenômenos subjetivos”<sup>55</sup>. Assim, o “pensamento *straight*” produz a diferença sexual por tomá-la como um dogma filosófico e político. Isso implica na impossibilidade de conceber como culturais ou sociais os elementos que escapam aos imperativos da heterossexualidade. Ou seja, esse pensamento cerceia as possibilidades de imaginar e criar outros conceitos e relações sociais fora de sua lógica interna.

A partir dessas reflexões, Wittig formulou politicamente o significado de lesbianismo. Considerando que as categorias homem e mulher pertencem ao “pensamento *straight*” e somente operam dentro da economia da

---

<sup>55</sup> “The straight mind develops a totalizing interpretation of history, social reality, culture, language, and all the subjective phenomena at the same time.”  
Monique Wittig, “The straight mind”, 1992, p. 27, tradução nossa.

heterossexualidade, “as lésbicas não são mulheres”<sup>56</sup>. Não são mulheres por não corresponderem aos imperativos da heterossexualidade que definem o que é uma mulher: a dependência em relação aos homens, em termos sexuais, econômicos e políticos.

Sobre a polêmica frase de Wittig, Maira Abreu questiona se, na linha de pensamento traçada pela autora, “patriarcado” não seria um conceito *straight*, ou seja, heterossexual:

É nesse sentido que proponho interpretar a frase de Monique Wittig “*Les lesbiennes ne sont pas des femmes*” [as lésbicas não são mulheres], como uma crítica à definição de classe das mulheres como centrada na família e a consequente não problematização da heterossexualidade. O objetivo seria levar até as últimas consequências o argumento de Delphy para mostrar as suas deficiências. Isto é, se continuarmos a definir as mulheres a partir da família, as lésbicas estão excluídas dessa definição e não seriam, portanto, mulheres<sup>57</sup>.

“La Pensée *Straight*” já havia sido apresentado por Monique Wittig em 1978, num evento promovido pela *Modern Language Association*. No ano seguinte, o artigo também foi apresentado em Nova York, “numa conferência intitulada ‘*The future of difference*’”<sup>58</sup>. Já a versão francesa desse texto de Wittig

---

<sup>56</sup> “Lesbians are not women.”

Monique Wittig, “The straight mind”, 1992, p. 32, tradução nossa.

<sup>57</sup> Maira Abreu, *Op. Cit.*, 2016, p. 291. É importante destacar que os apontamentos feitos por Abreu consideram a noção de patriarcado como central na produção de Delphy. Nesse sentido, acrescentamos que Wittig já havia criticado o uso do termo “patriarcado” em “One ne naît pas femme” (1981). A antropóloga Nicole-Claude Mathieu, contemporânea de Wittig e importante referência da autora, também é crítica ao emprego dessa expressão e propõe o conceito de “viriarcado”. Cf. Nicole-Claude Mathieu, “Quand céder n'est pas consentir, des déterminants matériels et psychiques de la conscience dominée des femmes, et des quelques-unes de leurs interprétations en ethnologie”, 1985, p. 169-245.

<sup>58</sup> Maira Abreu, *Op. Cit.*, 2016, p. 281.

consta na sétima edição da *QF*, que também traz um artigo intitulado “Hétérosexualité et féminisme”, de Emmanuèle de Lesseps.

Em linhas gerais, Lesseps pontua que todas as mulheres são oprimidas por uma estrutura comum e que o “desejo sexual” não deveria dividi-las. A autora não nega os problemas causados pela heterossexualidade, mas entende que eles são resultado de um sistema de opressão anterior – o sexismo.<sup>59</sup> Além disso, Lesseps e as editoras da revista sustentam que o texto não foi uma resposta às reflexões de Wittig, mas sim uma perspectiva diferente sobre um mesmo tema.<sup>60</sup>

Apesar disso, como pontuamos, as ideias de Wittig já eram conhecidas há pelo menos dois anos. Além disso, a própria Wittig, ao discorrer sobre o conflito, anos mais tarde, ressaltou que os escritos de Lesseps eram, de fato, uma resposta.<sup>61</sup> Tal afirmação não foi bem recebida pelas “lésbicas radicais”<sup>62</sup>, diante da tensão que elas viviam com outras feministas ao longo dos anos 1970 e que se acentuou na passagem para a década seguinte.<sup>63</sup>

Nesse período, grupos lésbicos haviam feito um progressivo afastamento do movimento homossexual e procurado se aliar a organizações feministas. Entretanto, esse processo não foi pacífico. No interior do movimento, havia correntes que viam as lésbicas como mais uma categoria de mulheres cuja

---

<sup>59</sup> Emmanuèle de Lesseps, “Hétérosexualité et féminisme”, 1980, p. 55-70.

<sup>60</sup> Revista *Questions Féministes*, 1980, p. 45.

<sup>61</sup> Monique Wittig, “Les questions féministes ne sont pas des questions lesbiennes”, 1983, p. 10-14. O artigo foi publicado na revista *Amazones d’hier, lesbiennes d’aujourd’hui*, v. 2, n. 1, jul.1983.

<sup>62</sup> Após consultar arquivos de grupos lésbicos franceses daquela época, Maira Abreu concluiu que essa perspectiva de ativismo considerava a heterossexualidade um regime de opressão política sobre as mulheres e colocava o lesbianismo como estratégia de resistência ao patriarcado.

<sup>63</sup> Maira Abreu, *Op. Cit.*, 2016, p. 285.

identidade era perpassada por um “desejo natural” que deveria ser respeitado. De outro lado, lésbicas radicais criticavam feministas pela falta de ações práticas para eliminar as opressões que atingiam as mulheres. As lésbicas viam uma estagnação teórica e social sobre o tema e rejeitavam que o lesbianismo fosse reduzido a uma forma de desejo. Para elas, tratava-se da materialização do ideal feminista de desmantelamento da opressão masculina.

Se os escritos de Wittig já haviam provocado grande alvoroço, o relato sobre o racha na *QF* (1983) parece selar a sua separação do feminismo francês e da própria França – onde ela permaneceu em ostracismo até o fim da década de 1990.<sup>64</sup> No texto, que tem o instigante título de “Les questions féministes ne sont pas des questions lesbiennes” (“As questões feministas não são questões lésbicas”), Wittig denunciou como as lésbicas foram excluídas do movimento feminista.<sup>65</sup> De acordo com ela, o racha na *QF* foi a repetição de uma série de conflitos que ocorriam há algum tempo no movimento feminista francês. Na ocasião, duas integrantes do coletivo de redação, a quem Wittig descreveu como “heterofeministas”, excluíram cinco lésbicas do grupo – que tinha sete integrantes. Wittig entende que o processo foi uma apropriação material e ideológica das lésbicas, já que elas teriam sido proibidas de visar à

---

<sup>64</sup> Marie-Jo Bonnet, “Le désir théophanique chez Monique Wittig”, 2003, s. p. O conflito foi tão intenso que as integrantes da *QF* não conseguiram sequer escrever um posicionamento público, de maneira conjunta, sobre o ocorrido. Segundo Maira Abreu, as lésbicas que romperam com a publicação redigiram duas cartas com críticas ácidas à atitude das outras integrantes e do movimento feminista em relação às lésbicas. A segunda carta parece ter sido a mais representativa, tendo recebido a alcunha de “carta lilás”. O documento original, em francês, está disponível na íntegra na tese da autora. Cf. Maira Abreu, *Op. Cit.*, 2016, p. 288.

<sup>65</sup> Monique Wittig, “Les questions féministes ne sont pas des questions lesbiennes”, 1983, p. 10-14.

universalização de seu ponto de vista teórico na revista. “Elas nos excluíram e nos nomearam como separatistas”<sup>66</sup>, pontua a autora.

Em seguida, Wittig discorre sobre as contradições do movimento feminista francês em quatro pontos: a concepção homogeneizante do sujeito “mulher”; o uso da categoria “patriarcado”; a visão de que as mulheres que não pertencem ao movimento são despolitizadas ou preconceituosas; e o problemático uso do termo “heterofeminista”. As questões levantadas por Wittig pretendem denunciar os artifícios usados pelas feministas para não se aterem à crítica da heterossexualidade, insistindo em tomá-la como expressão da sexualidade humana, ao invés de um sistema de opressão.<sup>67</sup>

Essa controvérsia marcou não apenas a ruptura pessoal de Wittig com o coletivo de redação da *QF*, mas também a maneira como ela se nomeava. Após o conflito, ela passou a nomear-se apenas como lésbica. A autora rejeitava até mesmo o adjetivo “radical”, que embora “digno”, parecia repetitivo, uma vez que

---

<sup>66</sup> “Elles nous séparent tout en nous baptisant séparatistes.”

*Ibidem*, p. 11, tradução nossa.

<sup>67</sup> As ativistas que estavam no outro polo da discussão se articularam para criar a revista *Nouvelles Questions Féministes (NQF)*, publicada pela primeira vez em 1981. O primeiro editorial revela que a iniciativa tinha o objetivo de continuar o projeto da *QF*, a partir de uma reformulação da equipe e da linha editorial. Sobre o conflito que resultou no racha do periódico anterior, as organizadoras pontuam que a acusação de que mulheres que se relacionam com homens colaboram com o sistema opressor não é aceitável. Afinal, o feminismo materialista pressupõe a existência de uma opressão comum a todas as mulheres, que deve ser enfrentada coletivamente e sem divisões. Na nova publicação, a equipe editorial era composta por Simone de Beauvoir, Christine Delphy, Claude Hennequin e Emmanuèle de Lesseps. Cf. *Nouvelles Questions Féministes*, n. 1, mar. 1981.

a figura da “lésbica” já representaria o suprassumo da conscientização feminista.<sup>68</sup>

Se na França as ideias de Wittig não prosperaram num primeiro momento, nos Estados Unidos, tanto sua obra literária como teórica foram bem recebidas. Exemplo disso é que *L’Opoanax*, de 1964, seu primeiro romance, foi traduzido para o inglês apenas dois anos após a primeira edição francesa, sendo reeditado neste idioma novamente em 1976. Seu segundo romance, *Les Guérillères*, também foi sucesso de crítica nos Estados Unidos. Traduzido para o inglês dois anos após a primeira edição em francês, o livro foi tido como a obra-prima do movimento feminista – conforme crítica do *New York Times*.<sup>69</sup>

## 7. Da França para os Estados Unidos: o caminho da consolidação acadêmica de Monique Wittig

1976 foi um ano decisivo para Monique Wittig, pois foi quando ela publicou a primeira produção com sua companheira Sande Zeig, em Paris – *Brouillon pour un dictionnaire des amantes* (*Rascunho para um dicionário das amantes*). Zeig, escritora e cineasta estadunidense, também foi uma influência

---

<sup>68</sup> Monique Wittig, “Les questions féministes ne sont pas des questions lesbiennes”, 1983, p. 10-14; Namascar Shaktini, “Introduction”, 2005, p. 1-6. Sobre o assunto, é pertinente dizer que a maneira como Wittig se nomeou ao longo da vida mudou algumas vezes. Num primeiro momento, no contexto pós-68, quando se buscava a coalizão de grupos feministas, as expressões “feminista” e “lésbica” parecem ter sido usadas por ela de forma conjunta, sem grandes problematizações. Já no fim da década de 1970, quando se acirra a disputa das lésbicas com outros grupos feministas, Wittig se autodenomina “lésbica radical”. Após o racha na QF, contudo, a ativista adota a posição política de nomear-se apenas como lésbica, como resposta ao que ela chamou de apropriação intelectual e material das lésbicas pelo feminismo. Já no fim da vida, ao publicar *Straight Mind* (1992), a autora define-se como lésbica materialista.

<sup>69</sup> Sally Beauman, “Women without men, except to kill for fun and survival”, 1971, s. p.

importante para Wittig.<sup>70</sup> Para além do vínculo amoroso, Zeig contribuiu para que Wittig desenvolvesse suas ideias de subversão feminista pela linguagem. Juntas, elas criaram e produziram livros e peças de teatro.<sup>71</sup> Além disso, o romance *L'Opoponax* inspirou o filme *The Girl*, dirigido por Zeig.<sup>72</sup>

Ainda em 1976, elas se mudaram para Berkeley, nos Estados Unidos – onde Wittig passou a atuar como professora universitária no Departamento de francês da University of California.<sup>73</sup> Em terras estadunidenses, as ideias radicais da autora encontraram terreno fértil. Tanto é que já em 1978, quando Wittig apresentou o seu polêmico artigo “The Straight Mind” em Nova York, a autora o dedicou a todas as lésbicas estadunidenses.<sup>74</sup>

Depois de se estabelecer nos Estados Unidos, Wittig articulou a criação da *Feminist Issues* – publicação feminista editada em Berkeley por Mary Jo Lakeland e Susan Ellis Wolf. É interessante observar que o periódico estreou em 1980, com algumas traduções de artigos publicados originalmente na *Questions Féministes*. No corpo editorial, além de Monique Wittig – que atuava como *editor*

---

<sup>70</sup> Monique Wittig, “Preface”, 1992, p. XIV.

<sup>71</sup> Kristine J. Anderson, “Lesbianizing English: Wittig and Zeig Translate Utopia”, 1994, p. 90.

<sup>72</sup> Annabelle Dolidon, “Shifting Wittiguan binaries: abstraction and re-materialization of the Lesbian body in Sande Zeig’s *The Girl*”, 2009, p. 73.

<sup>73</sup> Monique Wittig, *The Straight Mind and Other Essays*, 1992, p. XVII.

<sup>74</sup> Monique Wittig, *The Straight Mind and Other Essays*, 1992, p. 102. É importante destacar que embora houvesse os movimentos de lésbicas radicais e de separatistas nos EUA, essas terminologias possuem significados diferentes daqueles observados na França no mesmo período. Sobre o assunto, Louise Turcotte afirma que a mera criação de comunidades lésbicas – como preconiza o lesbianismo separatista dos EUA – não seria suficiente para provocar uma mudança real. Na linha de pensamento de Wittig, não se tratava de substituir a categoria “mulher” por “lésbica”, mas sim de usar essa posição estrategicamente para destruir o regime político da heterossexualidade.

*advisory* –, constam nomes como Colette Capitan Peter, Colette Guillaumin, Nicole-Claude Mathieu e Monique Plaza.<sup>75</sup>

Ao discorrer sobre o histórico da *Feminist Issues*, Irving Horowitz pontua que o objetivo da revista era ampliar as perspectivas a partir das quais o feminismo era discutido, já que boa parte das publicações estadunidenses da época tinha escopo restrito a uma única abordagem disciplinar. Além disso, o periódico possibilitou a circulação de análises sociais mais amplas, radicais e políticas – o que era mais comum na Europa do que nos Estados Unidos. Afinal, neste último, os Estudos Feministas davam mais centralidade a questões comportamentais e às desigualdades sociais. Ainda segundo Horowitz, Monique Wittig foi fundamental para a execução do projeto.<sup>76</sup>

Também sublinhamos que foi esse o periódico responsável por divulgar, em língua inglesa, muitos dos artigos seminais da autora – o que facilitou a introdução de suas ideias em outros territórios e a consolidou como teórica lésbica e feminista. Ao todo foram sete artigos publicados por Wittig na *Feminist Issues*, entre os anos de 1980 e 1990. Ao discorrer sobre isso, a antropóloga Míriam Grossi retoma as diferenças entre a institucionalização dos Estudos Feministas nos EUA e na França e sua relação com a publicização da obra de Wittig:

---

<sup>75</sup> Maira Abreu, *Op. Cit.*, 2016, p. 165. A revista permaneceu em circulação até 1997, quando passou por uma reformulação editorial e teve sua equipe modificada. A mudança culminou, inclusive, na troca do nome do periódico, que passou a se chamar *Gender Issues*, além de se dedicar apenas a publicar produções acadêmicas. Cf. Irving Louis Horowitz, “Coming Out of the Editorial Closet: From Feminist Issues to Gender Issues”, 2003, p. 77-84.

<sup>76</sup> Irving Louis Horowitz, “Coming Out of the Editorial Closet: From Feminist Issues to Gender Issues”, 2003, p. 77-84.

Na França, levou-se muito tempo para haver programas de pós-graduação em estudo de gênero e até hoje são muito poucos os programas, os departamentos ou núcleos e centros de pesquisa específicos sobre as temáticas de gênero e sexualidade. Nos Estados Unidos, esse é um movimento que começa nos anos 1970, se amplia nos anos 1980 e, nos anos 1990, está totalmente consolidado nas universidades norte-americanas, em departamentos e cursos. Temos, primeiro, os estudos da mulher, que depois se tornam estudos de gênero e, por fim, chegam as questões LGBT e queer. Então, o fato da Monique Wittig estar sediada nos Estados Unidos, produzindo em inglês, permite também que ela se torne conhecida nesse circuito norte-americano<sup>77</sup>.

Embora sua produção intelectual tenha ganhado notoriedade no período, pesquisadores apontam que só a partir de 1990, quando Judith Butler publicou *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, Wittig obteve maior reconhecimento – não apenas da obra em si, mas de sua trajetória como um todo.<sup>78</sup>

Apesar de fazer uma interpretação discutível das ideias de Wittig<sup>79</sup>, a iniciativa de Butler terminou por ampliar a visibilidade política e teórica da

---

<sup>77</sup> Míriam Grossi, “O Pensamento de Monique Wittig”, 2018, p. 87.

<sup>78</sup> Teresa de Lauretis, “When lesbians were not women”, 2003, s.p.; Brad Epps, Jonathan Katz, *Op. Cit.*, 2007; Míriam Grossi, *Op. Cit.*, 2018. Para se ter uma ideia, *Problemas de Gênero* foi editado em 22 países. Antes disso, a obra feminista a alcançar reconhecimento similar foi *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir – traduzido para mais de 30 idiomas. Cf. Carla Rodrigues, “Judith Butler, a filósofa que rejeita classificações”, 2013, s.p.; Gabriela Mattos, “Simone de Beauvoir – Uma vida, de Kate Kirkpatrick”, 2020, s.p.

<sup>79</sup> Butler situou o pensamento de Wittig no campo do essencialismo e do humanismo ao afirmar que a figura da “lésbica”, nos escritos da autora, pressupunha a existência de um sujeito anterior à linguagem. Contudo, como evidenciamos neste trabalho, na visão da Wittig, a linguagem e as relações sociais estão intrinsecamente conectadas. De acordo com Teresa de Lauretis, Butler não compreendeu as proposições de Wittig sobre o sujeito “lésbica” e seu valor epistemológico. Cf. Teresa de Lauretis, *Op. Cit.*, 2003. Nesta direção, interpretações que sugerem que Wittig tenha sido uma precursora da teoria *queer* elidem seus fundamentos materialistas e desconsideram as diferentes implicações de cada proposta teórico-política. Mesmo para Sam Bourcier, referência dos Estudos *Queer* Pós-coloniais, a leitura que Butler faz de Wittig parece equivocada: “acho que ela fala de uma Wittig que não está lá”. Sam Bourcier, “Uma conversa franca com MH/SAM Bourcier sobre correntes feministas e *queer* na contemporaneidade”, 2015, p. 51.

autora francesa.<sup>80</sup> Nesse sentido, é interessante observar que antes mesmo de consolidar sua produção num livro teórico, Wittig se tornou referência para Butler e outras pesquisadoras contemporâneas a ela. *The Straight Mind and Other Essays* – seu único livro teórico –, saiu dois anos depois de *Problemas de Gênero*.<sup>81</sup>

Do período em que viveu nos Estados Unidos, destacamos dois artigos de Monique Wittig. São eles: “The Trojan Horse” (“O cavalo de Troia”), de 1984, e “On the Social Contract” (“Sobre o contrato social”), de 1989.<sup>82</sup> Trinta anos após a publicação de seu primeiro livro, *L’Opoponax*, Wittig acumulava experiência como escritora e professora de literatura. Nesse contexto, a autora publicou “The Trojan Horse” – um artigo que representa uma síntese da sua visão sobre a literatura em articulação com uma perspectiva política. No texto, a autora pontua que a linguagem não é apenas um instrumento a serviço dos indivíduos, mas também elemento constituinte de nossa existência e das condicionantes que nos atravessam.<sup>83</sup>

Ainda no artigo, a teórica discorre sobre o potencial da linguagem para operar como um “cavalo de Troia” – o que ela diz ser uma máquina de guerra

---

<sup>80</sup> Míriam Grossi, *Op. Cit.*, 2018, p. 85.

<sup>81</sup> Sobre o assunto, Míriam Grossi pontua que “quando ela reaparece na cena teórica feminista, através da Judith Butler, muitas pessoas se perguntaram ‘mas quem é essa Monique Wittig?’. Todo mundo achava que era uma norte-americana, pois ela morava nos Estados Unidos. Para quem não tinha acompanhado a história da Monique Wittig, da virada dos anos 1960 para os anos 1970, não tinha essa lembrança da Monique Wittig como pensadora feminista francesa”. Cf. Míriam Grossi, *Op. Cit.*, 2018, p. 86.

<sup>82</sup> A escolha dos textos se deu a partir do pensamento de Butler em *Problemas de Gênero*, obra em que a autora deu destaque a esses artigos, considerando o que chamamos aqui de segunda fase da trajetória intelectual de Wittig.

<sup>83</sup> Monique Wittig, “The Trojan Horse”, 1992, p. 47.

perfeita. Essa guerra nada mais é do que a disputa a ser travada para erradicar as categorias de sexo. Portanto, se a linguagem é o que nos constitui, usá-la estrategicamente a partir de uma perspectiva subversiva poderia mudar a forma como somos identificados e construídos como sujeitos. Parafraseando a autora, isso seria o resultado prático da universalização de um ponto de vista particular de indivíduos com experiências minoritárias.<sup>84</sup>

Já no artigo “On the Social Contract” (1989), Monique Wittig discorre sobre a noção de heterossexualidade como um contrato social – termo que toma emprestado da obra de Jean-Jacques Rousseau. Considerando que o contrato social consiste em convenções sociais implícitas na organização social, a autora argumenta que a heterossexualidade estrutura o contrato social contemporâneo, uma vez que constitui um regime político. O paralelo traçado entre ambos os conceitos visa a evidenciar a existência de regras e obrigações sobre as mulheres – subjacentes às relações sociais – cuja origem é a heterossexualidade. Esse processo é operado por meio da linguagem. Afinal, para Wittig, a linguagem é o contrato social inicial, o contínuo e o final.<sup>85</sup>

Apesar da boa argumentação introdutória, a autora prossegue com comparações inadequadas entre a situação de servos e escravos com as experiências das mulheres, desconsiderando as opressões raciais e econômicas que os atingiam. Além disso, ela ignora a expropriação física, intelectual e cultural desses grupos – o que limitou qualquer possibilidade de superação desses sistemas durante séculos. Essa questão é problemática porque a colocação

---

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 49.

<sup>85</sup> Monique Wittig, “On the social contract”, 1992, p. 33-45.

da autora homogeniza experiências distintas – como se, para uma mulher da sociedade moderna ocidental, as condições de superação da heterossexualidade fossem similares às possibilidades de subversão de pessoas escravizadas. Ao sugerir essa analogia, Wittig escancara sua completa falta de reflexão sobre relações raciais.

Além disso, Wittig entende que, se as condições não são favoráveis para forjar uma revolução, seria possível resistir às opressões, inclusive à heterossexualidade, a partir de nossas próprias ideias e linguagens. Aqui, há um novo ponto de discussão. Afinal, se a heterossexualidade é estrutural, compulsória e política – como Wittig já denunciou reiteradas vezes –, não é possível que uma ação individual, uma ideia ou um “ponto de vista filosófico” operado individualmente pelas mulheres, como ela diz, possam dismantelar esse regime.<sup>86</sup>

Para além das produções intelectuais, destacamos a intensa atividade como professora universitária nesse período, iniciado em 1976. Desde então, Monique Wittig atuou em diversas universidades estadunidenses. São elas: University of California (Berkeley), University of Maine, New York University, University of Southern California, University of California (Davis), Duke University, Vassar College e State University of New York.<sup>87</sup> A última universidade em que trabalhou foi a University of Arizona, onde lecionava

---

<sup>86</sup> Se considerarmos que são exatamente as mulheres racializadas e escravizadas as primeiras a serem destituídas de sua humanidade, sendo arbitrariamente identificadas como invertidas sexuais e/ou lésbicas na história moderna, a ausência de uma perspectiva interseccional para analisar a heterossexualidade na obra de Wittig torna-se ainda mais grave. Sobre o tema, cf. Tanya Saunders, “Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária”, 2017, p. 112-114.

<sup>87</sup> Namascar Shaktini, *Op. Cit.*, 2005.

literatura francesa. Também foi nessa instituição que ela obteve o título de livre-docente e articulou a promoção do programa de *Women's Studies* para nível de departamento.<sup>88</sup> O feito foi alcançado apenas em 1997, ou seja, 22 anos após a criação do programa.<sup>89</sup> Inicialmente, ele era apenas um programa de graduação e tinha somente um membro. Progressivamente, o *Women's Studies* ganhou autonomia e solidez na universidade, com recursos para pesquisas e habilitação para conceder títulos de mestrado e doutorado.<sup>90</sup>

## 8. Encerrando o debate: a atualidade do pensamento de Monique Wittig e os desafios atuais

Depois de cerca de 40 anos da publicação dos artigos que foram tidos como semanais na obra de Wittig, o que ainda resta de atual no pensamento dessa autora? Ao examinarmos a virada epistemológica que a teórica propôs e compararmos com o estágio do ativismo lésbico atual, poderíamos dizer que Wittig estava à frente de seu tempo. Contudo, essa poderia ser uma avaliação apressada e superficial. Devemos considerar que Wittig se nutriu da irreverência e da rebeldia das ideias e ações feministas dos anos 1970. Por isso, a autora

---

<sup>88</sup> É importante destacar que Wittig era crítica ao departamento, por causa de sua nomenclatura e por, inicialmente, ser descrito como locus de pesquisas sobre “literatura feminina” – rótulos que eram incompatíveis com o que ela acreditava e que já havia criticado em diversas oportunidades. O que a reconfortava era o fato de haver abertura para a interdisciplinaridade, além de pesquisadoras que, assim como ela, problematizavam a naturalização dos sexos. Cf. James Kirkup, “Monique Wittig”, 2003, s. p.

<sup>89</sup> James Kirkup, “Monique Wittig”, 2003, s. p.

<sup>90</sup> University of Arizona, “History of the Department of Gender and Women’s Studies”. Disponível em em: <https://gws.arizona.edu/content/history-department-gender-and-womens-studies>. Acesso em: 16 mai. 2020.

propôs radicalizar suas concepções, inclusive dentro do movimento lésbico. Seu esforço político-epistemológico visava dotar feministas e lésbicas de ferramentas analíticas para romper com o que ela compreendia como o pilar das opressões sofridas pelas mulheres – a heterossexualidade. Porém, é preciso levar em conta também as vicissitudes e os entraves que marcam a trajetória do ativismo lésbico para entender a pertinência das ideias de Wittig neste momento.

Já há algum tempo, pesquisadoras e ativistas lésbicas como Ochy Curiel, Norma Mogrovejo, Jules Falquet e Yuderkys Espinosa-Miñoso denunciam a estagnação do movimento feminista e do movimento LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e afins) diante da heterossexualidade como regime político. Esse entrave está relacionado à ascensão neoliberal que o mundo observou a partir dos anos 1980 – mesmo período em que o chamado movimento homossexual se consolidava. Pesquisadoras/es indicam que a coincidência desses eventos legou ao movimento homossexual uma tez conservadora, inclusive no Brasil. Conservadorismo que se traduz na domesticação dos movimentos e na despolitização das lutas, que se tornaram majoritariamente identitárias, restringindo-se à reivindicação de direitos e ao reconhecimento pelo Estado.<sup>91</sup>

Evidentemente, se tivéssemos uma sólida construção em termos de memória das produções teóricas e sociais de lésbicas, o cenário poderia ser diferente e menos desolador. Contudo, é fato que essa é uma tarefa que ainda está

---

<sup>91</sup> Júlio Simões e Regina Facchini, *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBTQ*, 2009; Norma Mogrovejo, “Diversidad sexual, un concepto problemático”, 2008, p. 62-71; Jules Falquet, “Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política”, 2012, p. 8-31; Tania Navarro-Swain, “Feminismo e lesbianismo: quais os desafios?”, 2012, s.p.

por fazer. É importante destacar que já temos produções importantes feitas no contexto do feminismo descolonial e latino-americano<sup>92</sup>, mas, no Brasil e em língua portuguesa, esse esforço ainda não foi amplamente empreendido.

Se para o avanço real dos ativismos lésbicos falta a memória sobre o que suas antecessoras fizeram e escreveram, também é imperativo que esse resgate histórico inclua a retomada do que seria, talvez, uma das principais contribuições do pensamento de Wittig: o lesbianismo como materialização de uma práxis feminista. Ou seja, a reassunção de uma perspectiva verdadeiramente transformadora, que se informa tanto pela teoria como pelas práticas lésbicas e feministas. Outro importante aporte para nossos tempos, e que embasa o primeiro, é justamente a concepção de heterossexualidade como um regime político e não apenas como uma forma de expressão da sexualidade humana.<sup>93</sup>

De certo, não podemos considerar que Wittig seja o único expoente da teoria lésbica em sua vertente mais radical e utópica.<sup>94</sup> Há outras pesquisadoras e ativistas que trabalharam sob perspectivas similares e, em alguns momentos, chegaram até mesmo a ultrapassar a radicalidade dos ideais de Wittig. Pontuamos essa questão porque tão notável como o brilhantismo de Wittig em relação à concepção da “lésbica”, é também constrangedor o silêncio que repousa em suas obras sobre a interseccionalidade das lutas de outros grupos oprimidos, com destaque para as lutas antirracistas.

---

<sup>92</sup> Yuderkys Espinosa-Miñoso, *Escritos de una lesbiana oscura*, 2007; Ochy Curiel, “Descolonizando el Feminismo: una perspectiva desde América Latina y el Caribe”, 2009, s.p.; Jules Falquet, *De la cama a la calle: perspectivas teóricas lésbico-feministas*, 2006.

<sup>93</sup> Ochy Curiel, *La nación heterosexual*, 2013, p. 50-56.

<sup>94</sup> Jules Falquet, *Op. Cit.*, 2012, p. 8-31.

Considerando a relação que Monique Wittig conseguiu estabelecer com as lésbicas estadunidenses a partir da boa recepção de suas obras literárias e acadêmicas, é intrigante que os debates de grupos lésbicos emergentes e de notável conhecimento pareçam ter passado despercebidos aos olhos da autora. Como exemplos destacamos as produções potentes de Audre Lorde, Cheryl Clarke, Cherríe Moraga e Gloria Anzaldúa – autoras não-brancas que tensionaram de maneira considerável a cena feminista e lésbica dos Estados Unidos a partir da década de 1980.<sup>95</sup>

Não só as produções dessas autoras circulavam em diferentes âmbitos, mas também a própria Wittig entrou em contato direto com elas. Em setembro de 1979, realizou-se em Nova York o congresso *Second sex, thirty years later: A Commemorative Conference on Feminist Theory*. Com o propósito de debater as contribuições da obra de Simone de Beauvoir, o evento contou com a participação de parte do coletivo de redação da *QF* (incluindo Wittig), além de Gayle Rubin, Audre Lorde, entre outras pesquisadoras e ativistas feministas, negras e lésbicas.<sup>96</sup> Foi nesse evento, inclusive, que Audre Lorde apresentou seu artigo “As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande” – que teve amplo impacto. Na ocasião, Lorde criticou a própria dinâmica do evento, na qual ela constava numa mesa-redonda sobre mulheres negras e lésbicas. Para ela, o racismo, o machismo e a homofobia são inseparáveis. “Ler essa programação é

---

<sup>95</sup> Cf. Jules Falquet, “Romper o tabu da heterossexualidade...”, 2012; Jules Falquet, *De la cama a la calle...*, 2006. Apenas para citar um exemplo, apontamos aqui o lançamento da coletânea *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color*, em 1981. A obra, organizada por Cherríe Moraga e Gloria Anzaldúa, reuniu contribuições de artistas, escritoras e pesquisadoras feministas – majoritariamente lésbicas não brancas. O impacto das reflexões apresentadas no livro foi tão grande que outros quatro volumes foram editados entre 1983 e 2015.

<sup>96</sup> Maira Abreu, *Op. Cit.*, 2016, p. 184.

presumir que lésbicas e negras nada têm a dizer sobre o existencialismo, o erótico, a cultura e o silêncio das mulheres, sobre o desenvolvimento da teoria feminista ou sobre heterossexualidade e poder”<sup>97</sup>.

Além dessas referências, Jules Falquet nos lembra do pioneirismo do *Combahee River Collective* – grupo de feministas negras e lésbicas fundado por Barbara Smith ainda em 1974. Mais do que alertar para os limites de grupos de ativismo monotemáticos, o *Combahee River* se destacou pela busca de coalizões, baseada na sua compreensão precursora sobre a imbricação dos sistemas de opressão – racismo, sexismo, classismo e heterossexualidade. Essa imbricação foi chamada pelas ativistas desse grupo de *interlocking* – conceito que representou uma verdadeira mudança de paradigma.<sup>98</sup>

Em face ao que foi exposto, sugerimos que a introdução da obra de Wittig no Brasil contribuiu para reforçar perspectivas de análise da heterossexualidade que desconsideram a imbricação dos sistemas de opressões. Observa-se, em muitos dos estudos que utilizam as categorias propostas pela autora, a falta de preocupação com um olhar que integre as relações de gênero, raça e classe. Por sua vez, isso reforça a construção de um pensamento lésbico brasileiro embranquecido.

Para mencionar alguns exemplos, destacamos as produções de Patrícia Lessa, Tania Navarro-Swain e Zuleide Paiva da Silva – autoras que se constituem como referências nos estudos sobre lesbianidades no Brasil. Nos trabalhos das duas primeiras, observa-se tanto a ausência de categorias analíticas sobre as

---

<sup>97</sup> Audre Lorde, “As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande”, 2019, p. 135.

<sup>98</sup> Jules Falquet, “Romper o tabu da heterossexualidade...”, 2012, p. 17-18.

relações raciais como a centralidade de referências teóricas brancas, estadunidenses e europeias.<sup>99</sup> Silva é a única das três autoras que tem produzido análises que consideram os atravessamentos estruturais nas relações sociais, a exemplo de sua tese de doutorado sobre as organizações lésbicas da Bahia.<sup>100</sup>

Portanto, é evidente que ainda existem muitos desafios. Como sugere Teresa de Lauretis, a obra de Monique Wittig abriu um “espaço conceitual” na produção teórica lésbica que ainda não foi suficientemente explorado.<sup>101</sup> Além disso, a noção de heterossexualidade como regime político e a figura da lésbica foram proposições radicais, que na atualidade ainda podem contribuir bastante para o campo das lesbianidades e dos feminismos.

Também destacamos as reflexões da autora a respeito das intrínsecas conexões entre linguagem, relações sociais e sistemas opressivos, que anteciparam debates nas Ciências Sociais e nos movimentos sociais. Exemplo disso é a noção de heterossexualidade como sistema estruturante das opressões de sexo e de gênero, que só nos últimos anos parece ter ganhado espaço – ainda que restrito – nas produções intelectuais e nos debates do feminismo. Nesse sentido, Jules Falquet chama atenção para as contribuições da lesbianidade como teoria política.<sup>102</sup>

---

<sup>99</sup> Destacamos os seguintes trabalhos: Patrícia Lessa, *Lesbianas em movimento: a criação de subjetividades (1979-2006)*, 2007; Tania Navarro-Swain, “Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão”, 1999, p. 109-120.

<sup>100</sup> Referimo-nos a sua tese de doutorado: Zuleide Paiva da Silva, *Sapatão não é bagunça: estudo das organizações lésbicas da Bahia*, 2017.

<sup>101</sup> Teresa de Lauretis, “When lesbians were not women”, 2003, s. p.

<sup>102</sup> Cf. Jules Falquet, “Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política”, 2012, p. 8-31.

A fim de evitar idealizações, consideramos necessário observar as condições de produção do pensamento da autora, além de suas limitações. Afinal, o processo de construção de conhecimento científico socialmente referenciado deve pressupor a crítica interna dos campos de conhecimentos – no nosso caso, os Estudos Feministas e sobre Lesbianidades.

Dessa forma, esperamos que este trabalho contribua para instigar pesquisadores/as a se debruçarem sobre as trajetórias e as colaborações de pesquisadoras e ativistas lésbicas. Não há teoria nem movimento isentos de contradições – e é precisamente a partir da compreensão dessas linhas tênues que se torna possível produzir e materializar outros imaginários e utopias.

## Referências

### Periódicos feministas

AMAZONES D’HIER, LESBIENNES D’AUJOURD’HUI. v. 2, n. 1, juillet 1983.

FEMINIST ISSUES. Berkeley: Feminist Forum, v. 1, n. 1, March 1980.

FEMINIST ISSUES. Berkeley: Feminist Forum, v. 1, n. 2, June 1981.

FEMINIST ISSUES Berkeley: Feminist Forum, v. 2, n. 1, March 1982.

FEMINIST ISSUES. Berkeley: Feminist Forum, v. 2, n. 2, March 1982.

FEMINIST ISSUES. Berkeley: Feminist Forum, v. 3, n. 1, March 1983.

FEMINIST ISSUES. Berkeley: Feminist Forum, v. 2, n. 2, June 1983.

FEMINIST ISSUES. Berkeley: Feminist Forum, v. 4, n. 2, June 1984.

FEMINIST ISSUES. Berkeley: Feminist Forum, v. 5, n. 2, June 1985.

FEMINIST ISSUES. Berkeley: Feminist Forum, v. 9, n. 1, March 1989.

FEMINIST ISSUES. Berkeley: Feminist Forum, v. 10, n. 1, March 1990.

NOUVELLES QUESTIONS FÉMINISTES. Paris: Tierce, n. 1, mars 1981.

OFF OUR BACKS. Washington: Off our backs collective, v. 10, n. 1, January 1980.

QUESTIONS FÉMINISTES. Paris: Tierce, n. 1, novembre 1977.

QUESTIONS FÉMINISTES. Paris: Tierce, n. 2, février 1978.

QUESTIONS FÉMINISTES. Paris: Tierce, n. 3, mai 1978.

QUESTIONS FÉMINISTES. Paris: Tierce, n. 4, novembre 1978.

QUESTIONS FÉMINISTES. Paris: Tierce, n. 5, février 1979.

QUESTIONS FÉMINISTES. Paris: Tierce, n. 6, septembre 1979.

QUESTIONS FÉMINISTES. Paris: Tierce, n. 7, février 1980.

QUESTIONS FÉMINISTES. Paris: Tierce, n. 8, mai 1980.

## Documentos

ENGELS, Friedrich. *Carta para Joseph Bloch*, 21-22 de setembro de 1890.  
Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1890/09/22.htm>.  
Acesso em: 30 mai. 2020.

Maison de la grève. *SUR LE MLF*: compilation d'archives pour une brève introduction à l'histoire du mouvement de libération des femmes. Disponível em: [https://maisondelagreve.boum.org/IMG/pdf/sur\\_le\\_mlf-cycle\\_politique\\_des\\_femmes-web-2.pdf](https://maisondelagreve.boum.org/IMG/pdf/sur_le_mlf-cycle_politique_des_femmes-web-2.pdf). Acesso: 30 mai. 2020.

## Livros e artigos

ABADÍA, Mónica. Reflexionando sobre Wittig: Las Guerrilleras y El Cuerpo Lesbiano. *Thémata*, n. 46, p. 345-351, 2012.

ABREU, Maira. *Politizando a anatomia: antinaturalismo e materialismo no pensamento feminista francês (1960-1980)*. 2016. 316 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ABREU, Maira. Feminismo materialista na França: sócio-história de uma reflexão. *Revista Estudos Feministas*, v. 26, n. 3, p. 1-17, 2018.

ANDERSON, Kristine J. Lesbianizing English: Wittig and Zeig Translate Utopia. *L'Esprit Créateur*, v. 34, n. 4, p. 90-102, 1994.

BEAUMAN, Sally. Women without men, except to kill for fun and survival. *The New York Times*, 10 oct. 1971. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1971/10/10/archives/les-guerilleres-by-monique-wittig-translated-by-david-le-vay-144-pp.html>. Acesso em: 16 mai. 2020.

BONNET, Marie-Jo. Le désir théophanique chez Monique Wittig. *Labrys*, número spécial, septembre 2003, s. p. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/special/special/bonnet.htm>. Acesso em: 13 mai. 2020.

BONNET, Marie-Jo. Les Gouines Rouges (1971-1973). *La page de Marie-Jo Bonnet*. 3 ago. 2009. Disponível em: <https://mariejobon.net/2009/08/les-gouine-rouges-1971-1973>. Acesso em: 11. abr. 2020.

BOURCIER, Marie-Helène. Wittig la politique. In: SHAKTINI, Namascar (ed.). *On Monique Wittig: Theoretical, Political and Literary Essays*. Chicago: University of Illinois Press, 2005. p. 187-197.

BOURCIER, Sam. Uma conversa franca com MH/SAM Bourcier sobre correntes feministas e *queer* na contemporaneidade. *Revista Feminismos*, v. 3, n. 2-3, p. 48-59, maio/dezembro 2015.

BRIONES, Beatriz Suárez. Introducción. In: BRIONES, Beatriz Suárez (ed.). *Las lesbianas (no) somos mujeres: En torno a Monique Wittig*. Barcelona: Icaria Editorial, 2013. p. 7-14.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHRONOLOGY. In: SHAKTINI, Namascar (ed.). *On Monique Wittig: Theoretical, Political and Literary Essays*. Chicago: University of Illinois Press, 2005. p. 7-11.

CURIEL, Ochy. El lesbianismo feminista: una propuesta política transformadora. *América Latina en movimiento*, 2007. Disponível em: <https://www.alainet.org/es/articulo/121025>. Acesso em: 30 mai. 2020

DELPHY, Christine. O inimigo principal: a economia política do patriarcado. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 17, p. 99-119, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n17/0103-3352-rbcpol-17-00099.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2020.

DOLIDON, Annabelle. Shifting Wittigian binaries: abstraction and re-materialization of the Lesbian body in Sande Zeig's *The Girl*. *Feminist Review*, v. 92, n. 1, p. 72-90, 2009.

DOSSE, François. *La marcha de las ideas: historia de los intelectuales, historia intelectual*. Tradução de Rafael F. Tomás. Valência: Universitat de València, 2007.

EPPS, Brad; KATZ, Jonathan. Monique Wittig's Materialist Utopia and Radical Critique. *A Journal of Lesbian and Gay Studies*, v. 13, n. 4, p. 423-454, 2007.

ESPINOSA-MIÑOSO. Yuderkys. *Escritos de una lesbiana oscura: reflexiones críticas sobre feminismo y política de identidad en América Latina*. Buenos Aires/Lima: En la frontera, 2007.

FALQUET, Jules. Por uma anatomia das classes de sexo: Nicole-Claude Mathieu ou a consciência das oprimidas. Tradução de Maíra Kubík T. Mano. *Lutas Sociais*, v. 18, n. 32, p. 9-23, 2014.

FALQUET, Jules. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. *Cadernos de Crítica Feminista*, n. 5, p. 8-31, 2012.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Controverses et anathèmes au sein du féminisme français des années 1970. *Cahiers du Genre*, n. 39, p. 13-26, 2005.

GIANOULIS, Tina. French Gay Liberation Movement. *GLBTQ Archive*. 2015. Disponível em:

[http://glbtqarchive.com/ssh/french\\_gay\\_liberation\\_movement\\_S.pdf](http://glbtqarchive.com/ssh/french_gay_liberation_movement_S.pdf). Acesso em: 11 abr. 2020.

GOHN, Maria da Glória. Maio de 68 na França e a teoria social contemporânea. *Anais do 32º Encontro Anual da ANPOCS*. 2008. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-32-encontro/gt-27/gt27-12/2562-mariagloriagohn-maio/file>. Acesso em: 20 mai. 2020.

GROSSI, Miriam Pillar. O Pensamento de Monique Wittig. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 4, n. 2, p. 83-90, 2018.

HISTORY of the Department of Gender and Women's Studies. *University of Arizona Department of Gender & Women's Studies*, s. d. Disponível em: <https://gws.arizona.edu/content/history-department-gender-and-womens-studies>. Acesso em: 16 mai. 2020.

HOROWITZ, Irving Louis. Coming Out of the Editorial Closet: From Feminist Issues to Gender Issues. *Gender Issues*, v. 21, n. 2, p. 77-84, 2003.

KIRKUP, James. Monique Wittig. Obituaries [Section online]. *The Independent*, Jan. 9th 2003. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/obituaries/monique-wittig-123410.html>. Acesso em: 16 mai. 2020.

LAURETIS, Teresa de. When lesbians were not women. *Labrys*, número spécial, septembre 2003, s. p. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/special/special/delauretis.htm>. Acesso em: 1 abr. 2020.

LESSA, Patrícia. O feminismo-lesbiano em Monique Wittig. *Ártemis*, v. 7, p. 93-100, dez. 2007.

LESSEPS, Emmanuèle de. Hétérosexualité et féminisme. *Questions Féministes*, n. 7, p. 55-69, 1980.

LORDE, Audre. As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande. In: LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 135-139.

MARTIN, Douglas. Monique Wittig, 67, Feminist Writer, Dies. Section 1 [Caderno]. *New York Times*, 12 jan. 2003. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2003/01/12/nyregion/monique-wittig-67-feminist-writer-dies.html>. Acesso em: 1 abr. 2020.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. Tradução de Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MATHIEU, Nicole-Claude. Notes pour une définition sociologique des catégories de sexe. *Épistémologie sociologique*, n. 11, p. 19-39, 1971.

MATHIEU, Nicole-Claude. Quand céder n'est pas consentir, des déterminants matériels et psychiques de la conscience dominée des femmes, et des quelques-unes de leurs interprétations en ethnologie. In: MATHIEU, Nicole-Claude (org.). *L'arraisonnement des femmes*. Essai en anthropologie des sexes. Paris: Éd. de l'EHESS, 1985. p.169-245.

MATOS, Olgária. *Paris 1968: as barricadas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MATTOS, Gabriela. Simone de Beauvoir – Uma vida, de Kate Kirkpatrick. *Estante Virtual*, 27 fev. 2020. Disponível em: <https://blog.estantevirtual.com.br/2020/02/27/simone-de-beauvoir-uma-vida-de-kate-kirkpatrick>. Acesso em: 29 mai. 2020.

MOGROVEJO, Norma. Diversidad sexual, un concepto problemático. *Trabajo Social*, n. 18, p. 62-71, 2008.

NAVARRO-SWAIN, Tania. Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão. *Cadernos Pagu*, n. 12, p. 109-120, 1999.

NAVARRO-SWAIN, Tania. Feminismo e lesbianismo: quais os desafios? *Labrys*, n. 1-2, julho/dezembro 2002, s. p. Disponível em: [https://www.labrys.net.br/labrys1\\_2/femles.html](https://www.labrys.net.br/labrys1_2/femles.html). Acesso em: 22 mai. 2020.

PINTO, João Alberto. França: lutas sociais anticapitalistas no maio de 68. *Espaço acadêmico*, n. 85, jun. 2008. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/085/85pinto.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

RODRIGUES, Carla. Judith Butler, a filósofa que rejeita classificações. Tradução de Cadu Ortolan. *Revista CULT*, 5 nov. 2013. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/judith-butler-filosofa-que-rejeita->

classificacoes/?aff\_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996. Acesso em: 29 mai. 2020.

SAUNDERS, Tanya. Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária. Tradução de Sarah Ryanne Sukerman Sanches. *Periódicus*, v. 1, n. 7, p. 102-116, 2017.

SHAKTINI, Namascar. Introduction. In: SHAKTINI, Namascar (ed.). *On Monique Wittig: Theoretical, Political and Literary Essays*. Chicago: University of Illinois Press, 2005. p. 1-6.

SILVA, Zuleide Paiva da. A teoria política de Monique Wittig revisitada. *LES Online*, v. 5, n. 1, p. 3-11, 2013.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, Réne. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996. p. 231-269.

TURCOTTE, Louise. Changing the point of view. In: WITTIG, Monique. *The Straight Mind and Other Essays*. Boston: Beacon Press, 1992. p. VII-XII.

WITTIG, Monique. Les questions féministes ne sont pas des questions lesbiennes. *Amazones d'Hier, Lesbiennes d'Aujourd'hui*, v. 2, n. 1, p. 10-14, 1983.

WITTIG, Monique. The Trojan Horse. *Feminist Issues*, v. 4, n. 2, p. 45-49, 1984.

WITTIG, Monique. On the Social Contract. *Feminist Issues*, v. 9, n. 1, p. 3-12, 1989.

WITTIG, Monique. *The Straight Mind and Other Essays*. Boston: Beacon Press, 1992.

ZANOTTO, Gizele. História dos intelectuais e história intelectual: contribuições da historiografia francesa. *Biblos*, v. 22, n. 1, p. 31-45, 2008.

**Referência para citação deste artigo**

KUMPERA, Julia Aleksandra Martucci; SILVEIRA-BARBOSA, Paula. Monique Wittig – breve histórico da trajetória intelectual e política de uma lésbica. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 2, número 2, p. 321 – 364, novembro de 2020.